

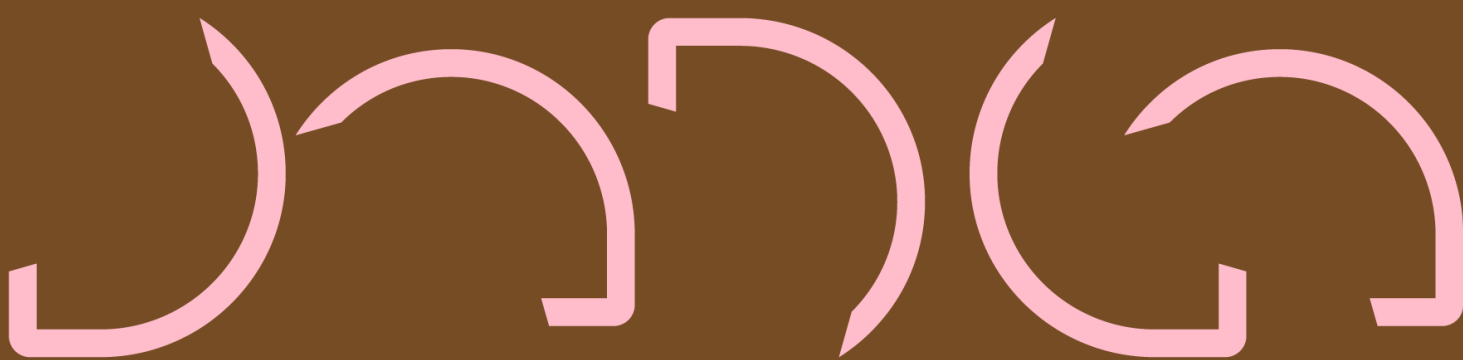
revista
brasileira
de estudos
em dança

Arte e Cultura-

Separação necessária e urgente

Sandro Borelli

Borelli, Sandro. Arte e Cultura - Separação necessária e urgente. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, 03(05), p. 436-457, 2024.1.



RESUMO

Este ensaio aponta as adversidades decorrentes de um entendimento predominante no ambiente social de que a Arte se trata apenas de mais uma ramificação da Cultura, oficializada e burocratizada pela gestão pública, aceita e compactuada pela sociedade civil. Além disso, apresenta a arte da cena, mais especificamente a Dança cênica profissional, como uma categoria de trabalhadores escondida na heterogeneidade cultural da sociedade contemporânea. Por conta deste apagamento, expõe a necessidade de anunciá-las de formas separadas tendo em vista a abrangência gigantesca de significações que a cultura evidencia. Também apresenta as diferenças entre dança como manifestação simbólica e histórica de um povo e a cênica, que tem o potencial de quebrar paradigmas culturais.

PALAVRAS-CHAVE Arte; Cultura; Dança; Política.

ABSTRACT

This rehearsal points out the adversities arising from a predominant understanding in the social environment that art is just another branch of official culture. It also presents the art of the stage, more specifically professional stage dance, as a category of workers hidden in the cultural heterogeneity of contemporary society. Because of this erasure, it exposes the need to announce them separately because of the gigantic range of meanings that culture reveals. It also presents the differences between dance as a symbolic and historical manifestation of a people and theatre, which has the potential to break cultural paradigms.

KEYWORDS Art; Culture; Dance; Politics.

Arte e Cultura - Separação necessária e urgente

Sandro Borelli¹

¹ Coreógrafo, Professor, Iluminador, Coordenador do Kasulo - Espaço de Arte/SP, Fundador e Diretor da Cia Carne Agonizante/SP. Foi presidente da Cooperativa Paulista de Dança. É Mestre e doutorando em Educação Física, na área de Educação Física e Sociedade pela UNICAMP. Membro do GPFEM - Grupo de Pesquisas em Filosofia e Estética do Movimento (FEF/UNICAMP). Recebe apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: sandroborelli13@gmail.com

Primeiro ato

Existe uma afirmação bastante usual e potente na gestão pública, no meio político brasileiro e no ambiente erudito de que a cultura é um patrimônio imaterial de grande importância para a nação. Tornou-se um jargão. Sim, mas e daí? É impossível negar uma afirmação que até parece óbvia em alguns aspectos. Porém, esta evidência é composta de labirintos estreitos, duvidosos e sombrios. Uma certeza com seus alicerces um tanto quanto frágeis.

Parece evidente, quando a palavra cultura é anunciada em momentos solenes, nos ambientes do poder político, no espaço acadêmico ou num setor social mais abrangente, dá-se a ela um tom de soberania e prazer, a ponto de poder assemelhar-se com as poses faciais humanas nas fotografias atuais. Tornou-se regra, todas as pessoas sorriem para demonstrar um sentimento de felicidade e de bem-estar que, na maioria das vezes, não estão vivenciando no momento do click – uma representação teatral no mínimo estranha, para não dizer farsante, até mesmo ridícula.

Se partirmos do pressuposto de que o ser humano produz cultura já a partir da sua saída do útero materno, pois imediatamente começará uma relação junto ao próximo e com o ambiente a sua volta, além de passar a conviver em grupo, seria evidente perceber que humano e cultura são inevitavelmente cúmplices. Vão estar envolvidos em uma complexa rede de conhecimentos adquiridos com o intuito de estabelecer conveniências necessárias para a vida. Seria uma espécie de vestígios sendo produzidos diariamente em sua breve passagem como presença física no mundo. Além disso, por conta da sua amplitude e inúmeros significados simbólicos, torna-se pertinente afirmar que a Cultura e seus resultados sempre estiveram envolvidos em muitas contradições, desde as sutis até as mais escancaradas. Tem sido assim, crises rotineiras produzidas pelo humano desde os primórdios da humanidade. É bom que se diga, a civilização e a cultura são consequências e, ao estabelecer tal afirmação, deve-se considerar que o processo civilizatório se deu justamente para conter a tendência natural do humano à violência. Surgiram as regras comportamentais. “Um grande passo à frente

foi dado no dia em que os homens compreenderam que, para melhor atormentarem uns aos outros, era melhor reunir-se, organizar-se em sociedade” (Cioran, 2011, p. 83).

Desta maneira, nada mais pertinente compreender que o caminho percorrido (evolução) pela civilização, também através de conflitos permanentes, deu-se por meio da produção incessante de hábitos, costumes e comportamentos edificados dia após dia desde que se tem notícia dos primeiros *homos habilis*.

Ao se apontar o corpo/indivíduo como um protagonista ou lugar onde se gesta cultura, sabendo-se este mesmo ser pensante produtor de experiências das mais variadas consciências, o conflito está posto.

Por algum motivo, anuncia-se a Cultura de forma ilustre, como se fosse uma senhora poderosa, digna e detentora dos mais diversos títulos concedidos por outra nobre dama nomeada de humanidade, onde tudo que é gerado através da relação de ambas converte-se em avanços civilizatórios ou em heranças valiosas sem existência palpável. Nem sempre, pois trata-se de produção de conhecimento das mais variadas magnitudes, onde vários alvos são alvejados ao mesmo tempo. Uma espécie de feira livre com várias promoções para todos os gostos – uma diversidade estonteante, onde tudo o que parece ser, talvez não seja.

O simples fato de se produzir conhecimento pode significar crises constantes. Em outras palavras, é compreensível definir cultura também como um resultado de uma intervenção ou de uma ação predatória do ser humano. Não há bem e mal, simplesmente consequências. O resultado desta sabedoria construída será exibido a todo instante, impossível refreá-la.

Estar vivo, dentre algumas considerações já postas aqui, pode ser compreendido como emanções constantes de desejos e vontades, além de uma tentativa de aplacar os desígnios imutáveis da natureza que são nascer, viver e inevitavelmente, morrer. Neste viés, podemos dizer que cultura seria o ímpeto natural do corpo em permanecer vivo após o seu desaparecimento e um aglomerado de indícios deixados por ele mesmo durante sua trajetória.

Foi criado, não se sabe por quem, um entendimento quase único de que a manifestação cultural é um patrimônio intangível de

grande valia para um povo. Um estandarte construído para confirmar toda e qualquer liberdade civilizatória. Por que não a compararmos à Ares, um Deus da mitologia grega relacionado à guerra e à brutalidade?

Por conta dessas construções sociais, que foram sendo edificadas através dos tempos, chegou-se à conclusão que a Arte, que necessariamente deverá ser produzida pelo corpo para poder existir, estaria vinculada e subordinada à Cultura. Permito-me lançar controvérsias sobre isso.

Segundo Ato

Existem questões polêmicas que, no meu entendimento, devem ser colocadas em discussão. Se levarmos em conta que a cultura é um arcabouço infundável de relações humanas que afetam a todo momento o seu entorno, isso significará um resultado apontando para todos os lados possíveis, ou seja, irá sempre produzir elementos essenciais para as conexões ou vínculos entre humanos, mas isso não quer dizer só avanços civilizatórios, muitas vezes, o caos.

Sigmund Freud (2010, p. 60) nos dá uma ótima perspectiva sobre estar vivo e suas implicações:

A razão dessa inclinação agressiva, que podemos perceber em nós mesmos e com razão supor nos outros, é o fator que perturba nosso relacionamento com o próximo e força a cultura a dispêndios. Em consequência dessa hostilidade primária dos homens entre si, a sociedade aculturada está constantemente ameaçada pela ruína.

A Cultura pode muito bem ser entendida como uma *Caixa de Pandora* onde, segundo a mitologia grega, todos os males do mundo estão inseridos dentro, restando apenas a *esperança*, confiança em algo positivo, nada além disso. Nessas praxes também estão inseridos diversos modos de violência, desde as sutis até as mais explícitas, ou seja, onde há esperança, também jorra violência. Em outras palavras, se a civilização foi concebida para um convívio razoável entre humanos, com o estabelecimento necessário de regras para seu funcionamento – um conjunto de bloqueios do desejo, pode-se dizer que a cultura também exige um

sofrimento social. “Portanto, a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo” (Freud, 2019, p. 57).

Quando se associa corpo/cultura, as artes devem ser anunciadas e destacadas, pois uma sociedade que não percebe a importância das experiências e aprendizados do corpo sensível para a arte corporal estará condenada a gerar uma massa de corpos compactados, intolerantes à diversidade social, desumanizados, conseqüentemente, coisificados.

Em *Deus e o Estado*, Mikhail Bakunin (2015, p. 78) nos traz uma bela percepção sobre a arte.

A arte individualiza, sob uma certa forma, os tipos e as situações que concebe; por meio de individualidades sem carne e osso, e, conseqüentemente, permanentes e imortais, que tem o poder de criar, ela nos faz lembrar as das individualidades vivas, reais, que aparecem e desaparecem sob nossos olhos. A Arte é, pois, sob uma certa forma, o retorno da abstração à vida.

As implicações não param por aí, também há uma narrativa criada que insere as artes em um lugar de erudição, em razão disso, colonizadora, denominada de Belas Artes, que não condiz com o popular. É possível divergir e apontar outra concepção acerca desse conceito, pois o considero engessado, porque se direciona apenas para um ponto específico. “O desenvolvimento cultural nos parece um processo peculiar experimentado pela humanidade em que muitas coisas nos parecem familiares” (Freud, 2010, p. 48).

Está implícito que a cultura não tem e nem deveria ter compromisso com a arte porque ela está em constante construção de relações, fatos e conseqüências, ou seja, estar vivo implica encadear produção de manifestações culturais e a morte a solidifica.

Se cultura é tudo aquilo que resulta da relação humana com o meio, logo, não será nem melhor nem pior, mas sim revelações diversas somadas umas às outras para se transformarem em uma espécie de consenso coletivo. Nela caberá, dependendo do lugar, tanto um beijo na boca entre dois homens ou entre duas mulheres

como também a repulsa violenta por conta deste mesmo ato. No convívio social tudo é possível, as tensões serão permanentes por conta dos conflitos entre as vontades e os desejos.

De acordo com Sigmund Freud (2020, p. 20):

E, finalmente, os grupos nunca ansiaram pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro.

Terceiro ato

Lançarei um olhar mais específico na Dança enquanto setor profissional e de trabalho pelo fato de atuar nessa área artística e também por ser uma atividade extremamente física e emocional, além de estar inserida ou aprisionada neste espectro, ou calabouço, chamado Cultura.

Não há como negar, a Dança como manifestação cultural é extremamente significativa no processo evolutivo da sociedade, pois ela se apresenta em diversos momentos na construção da individualidade de cada ser humano. Todo povo tem sua própria maneira de expressar com o corpo, o histórico e o simbólico sendo determinantes. Cada sociedade tem seus modos de se organizar.

A potência desta expressão é comprovada, por exemplo, nos resultados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006² – dentre as 16 atividades artísticas identificadas no país, a Dança foi a segunda manifestação (56,1%) mais praticada, ficando apenas atrás do artesanato. Um resultado que não surpreendeu, inclusive, há uma frase popular criada, não se sabe por quem, e repetida exaustivamente até hoje, de que o brasileiro tem o dom natural da dança. Tal repetição ganhou outras fronteiras a ponto de adentrar no imaginário de quase todo turista que aqui pisa.

² Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13361-asi-ibge-investiga-a-cultura-nos-municipios-brasileiros>. Acesso em: 11 jun. 2024.

Quem não se encanta pelas danças populares produzidas nas várias regiões do Brasil? Emanações corporais simbólicas construídas pelos antepassados, mantidas intactas até os dias atuais, que preservam, nos mínimos detalhes, os movimentos corporais como resultado de histórias vividas. De Norte a Sul, maneiras diferentes de sentir e expressar através do movimento ritmado do corpo – dança. Em *Assim falava Zaratustra*, Friedrich Nietzsche (2011, p. 41) demonstrou sua paixão por esta arte: “Eu só poderia crer em um Deus que soubesse dançar”.

Em *A Dança*, Klauss Vianna (2005, p. 105) também demonstra suas impressões:

Mas, se a dança é um modo de existir, cada um de nós possui sua dança e o seu movimento original, singular e diferenciado, e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão em que a busca da individualidade possa ser entendida pela coletividade humana.

Apesar de serem dois ícones, um da filosofia ocidental, outro da dança brasileira, que afirmam suas verdades e que seriam difíceis de rebater – aliás, nem seria o intuito principal neste ensaio –, no entanto, há sim uma possibilidade de propor um rompimento político e estético, ou uma libertação, essencial, da Arte em relação à Cultura.

Chega-se à questão principal: a Cultura e a Arte são a mesma coisa? A criatividade do artista para desempenhar seu ofício está no mesmo lugar do que se entende por comportamentos e conjunto de múltiplos saberes? É bom lembrar, a palavra “cultura” tem sua origem no latim *Colo*, que significa eu moro, eu cultivo, e, com o passar do tempo, passou a ser compreendida como ideias e tradições de um povo. O que o artista tem a ver com isso?

O artista é quem deve decidir se vai dialogar ou não com estas referências expostas acima. É um lugar de autonomia plena.

Por que se usa a Cultura de maneira ambígua, além de vincular a Arte a ela? São questões incompreensíveis que merecem ser atualizadas. Vou mais longe, é necessária uma ruptura.

É fato, a arte pode produzir Cultura, mas nem toda cultura deve ser considerada Arte. É o espaço do poder da subjetivação absoluta que constrói novas reflexões e sensações diversas em quem presencia. Talvez, por isso, os poderes autoritários a tratam como inimiga.

O artista precisa ser entendido como um fazedor de arte, ou seja, criar a partir do seu entendimento de cultura, fazer um contraponto dela mesma ou construir uma outra, o ambiente criativo permite. O que se vê são duas direções opostas, porém, foi produzido um discurso hegemônico que foi amalgamado na sociedade em geral onde arte e cultura são a mesma coisa. E o artista da cena que produz e vive da sua produção? Aquele que cria a dramaturgia cênica, organiza uma estrutura complexa de ensaios, geralmente extenuantes física e psicologicamente também, e o que pensa e gesta a coreografia, a luz, o figurino e a trilha musical? Estariam inseridos neste vasto leque de possibilidades?

É bem possível que poucas pessoas saibam, a primeira entidade representativa da classe artística trabalhadora foi fundada no país em 19 de agosto de 1918, com o nome de Sindicato da Casa dos Artistas³, seu primeiro presidente foi Leopoldo Fróes. Três anos após a publicação da Lei de Sindicalização, oficializada em 1934, começaram a surgir os primeiros SATED (Sindicato dos Artistas, Técnicos em Espetáculos de Diversão). Em 1985, surge o SPDRJ (Sindicato dos Profissionais da Dança do Rio de Janeiro). A partir disso, a área de trabalhadores da Dança passou a se organizar em Cooperativa (existe apenas uma no país, a de São Paulo), Associações, Fóruns e Movimentos da classe civil.

Mesmo com estas breves ações políticas históricas descritas acima, o viés discursivo totalizante ainda é o de que são construções culturais. Por conta desta ambiguidade, tornou-se factível comparar quem produz arte com aquele que faz agricultura, na companhia de quem pensa a cidade, suas ruas, casas, edifícios

³ Disponível em: <https://www.satedrj.org.br/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

e parques, os esportes também estão neste lugar, e várias outras atividades. Nesta colcha de retalhos pode-se incluir, inclusive, racismo e machismo estrutural, etarismo, o ódio à população LGBTQIAPN+ entre tantas outras manifestações. Quem nunca ouviu falar em cultura do estupro?

Possivelmente, pelo fato de o artista não produzir produtos manufaturados em escala industrial, vistos como bens materiais de consumo em grande escala para a população, e sim de conhecimento, reflexão, noção de pertencimento, algo não concreto, decerto esteja aí o grande problema. Para uma parcela considerável da sociedade, bens imateriais seriam pura abstração de quem não tem o que fazer. O estranhamento é total.

As ferramentas usadas pelos artistas nas suas construções fazem deles uns seres estranhos para a maioria. É histórico, para grande parte da população brasileira a classe artística é composta por putas, bichas, vagabundos, maconheiros, malucos, libertinos, mamadores nas tetas da lei Rouanet etc.

Cabe aqui apresentar um argumento que tem relação com o que exponho neste espaço: sempre tivemos, no Brasil, um problema que assola uma parcela considerável da população que é a *fome*, recentemente, renomearam-na como *insegurança alimentar* para, talvez, amenizar o significado deste flagelo. Sim, é inaceitável, mas há uma fome tão trágica quanto essa: a privação da arte no seio social. O povo brasileiro passa fome de Arte desde quando os colonizadores europeus aqui aportaram. Há um entendimento que considero muito pertinente, é o de que esta nação foi projetada, desde os primórdios – mais precisamente a partir de 1500, por uma elite tosca que aqui viveu e vive até hoje – , para ser apenas um amontoado de gente sem noção de nação, tão somente isso. E assim surgiu, dentre tantas mazelas, o *complexo de vira-latas*, que nada mais é do que cultura, uma expressão apresentada em 1958, pelo jornalista brasileiro Nelson Rodrigues, na revista Manchete esportiva (p. 51-52), que significava o aceite puro e simples de inferioridade do brasileiro em relação ao continente europeu e norte-americano

Quarto ato

A dança, de todas as artes, é o lugar onde o corpo, através dos sentidos, da criatividade e habilidade, alcança uma plenitude diferente em relação às outras áreas artísticas e sofre as consequências por isso. Por conta da exposição corporal, um tabu, necessária para a sua concretização, foi construído um senso comum no imaginário do povo, orquestrado pelo conservadorismo familiar e religioso, de que o corpo que dança está possuído pelo demônio e pelo desejo por sexo. O resultado foi a sua reprovação. O máximo tolerado foi e continua sendo o balé clássico e algum movimento dançante nas igrejas, de preferência feito por mulheres. Além disso, para muitos, a dança não é uma profissão, quando muito, uma diversão passageira, para outros tantos, sinônimo de pecado. Ainda hoje, um garoto que quiser aprender a dançar para virar um bailarino, possivelmente, será desacreditado a realizar seu intento, criando com isso preocupações no seio familiar. A primeira tendência será conectar suas intenções a algum problema psicológico com sua sexualidade. Se, porventura, essas atividades seguirem sendo realizadas pelo menino, deverão ser ignoradas nos encontros familiares. O cidadão de bem deverá ter um corpo rígido, as nuances serão consideradas femininas. Quanto à menina, sem problemas, estará liberada para a prática por algum tempo, depois precisará escolher seu rumo na vida – casar e cuidar da prole que virá, de preferência uma recatada do lar.

O corpo ainda é um tabu no Brasil, um lugar extremamente vigiado pelo outro e ainda insensível a novos sentidos, onde o proibido impera em detrimento a sua natural vocação criativa e reflexiva. Um bom exemplo disso é a constituição física da mulher vista como um objeto de desejo no carnaval, uma das maiores manifestações culturais do país. Mas o rito social segue – quanto mais coberto, compacto, automatizado e, principalmente, submetido, mais aceito será.

A cultura do corpo ocultado, automatizado e pouco criativo interessa ao estado, pois assim será mais fácil manter intactas as normas estabelecidas, que deverão ser obedecidas. O corpo que dança faz abrir as comportas dos sentidos para que a libido recolhida possa escorrer por entre os poros do reprimido e, geralmente, será associada à catarse, que o conservador hipócrita, por conta das suas emoções reprimidas, entenderá como libertinagem.

É fato que, no ambiente político e partidário, os profissionais da dança são vistos como *diferentes*. A esquerda tenta entender sua importância para a população e aceita algum contato, porém, não compreende o grande impacto que esta atividade artística corporal teria na formação do indivíduo desde a infância; a direita acha irrelevante, já a extrema direita os vê como inimigos a serem abatidos.

Apesar da existência de um número expressivo de trabalhadores desta área no país, estes encaram uma precariedade histórica em razão da informalidade trabalhista no exercício da profissão. Atuam, em sua grande maioria, sem qualquer vínculo empregatício, o que os vitima ano a ano, obrigando-os, quando em idade avançada, sem qualquer amparo previdenciário do Estado, a trabalharem em outros setores. É importante ressaltar mais uma vez: ser trabalhador da dança significa estar inserido em uma cadeia produtiva que não gera produtos manufaturados ou industrializados, como parafusos, molas, carros, geladeiras, pontes, edifícios etc., e sim bens que são essenciais para o país, tais como reflexão, sensibilidade, cidadania, pertencimento e diversidade, entre tantas coisas.

E a dança cênica profissional? Uma categoria com milhares de trabalhadores invisibilizados na heterogeneidade cultural da sociedade contemporânea. Ser profissional da arte da Dança significa também ser um agente transformador social. Outro problema grave: apesar de toda potência artística, pedagógica e sensível que emana desses corpos que a vivenciam diariamente como profissão, ainda não são reconhecidos como uma classe

trabalhadora efetiva no Brasil, sendo que nem mesmo é uma atividade regulamentada. Sim, estar na plateia vivenciando uma apresentação de dança pode ter o mesmo alcance ou significado para um estudante de se estar em uma sala de aula no ensino fundamental e médio.

É bom que se diga, apesar do terreno árido e precário em que os profissionais da Dança se encontram, existem movimentos políticos organizados da sociedade civil no país, tais como as já mencionadas Cooperativa, Sindicatos e Associações.

O Fórum Nacional de Dança (FND) é um ótimo exemplo para ser citado neste artigo. O FND é uma associação criada em 2001 por conta da emergência política derivada da interferência do Conselho Federal de Educação Física na área do ensino da dança. Composto por artistas de todos os cantos deste país, foi o responsável pela criação e articulação do projeto de lei que hoje tramita na Câmara dos deputados em Brasília – Projeto de Lei da Dança – PL 4768/2016 (regulamentação do exercício profissional da Dança no país). A autoria deste projeto de lei foi do ex-senador baiano do Partido dos Trabalhadores, Valter Pinheiro, inclusive, já aprovado por unanimidade no Senado Federal em 2016. Hoje tramita na Câmara dos Deputados.

Figura 1 - Senadora Lídice da Mata (PSB-BA). Relatora da Comissão de Assuntos Sociais (CAS) na aprovação do PLS 644/2015.

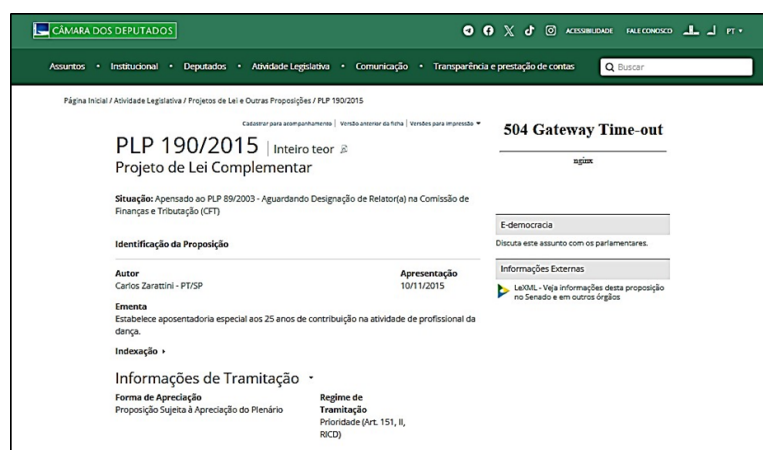


Fonte: Foto de Geraldo Magela, 2 mar. 2016/Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/03/02/comissao-de-assuntos-sociais-aprova-regulamentacao-dos-profissionais-da-danca>. Acesso em: 1 jun. 2024.

Comprovando que nesta área há militantes e articuladores políticos, em 2015, a Cooperativa Paulista de Trabalho dos

Profissionais de Dança foi importante na idealização e estruturação de um pré-projeto lei que irá, se aprovado, abranger toda classe trabalhadora da área no país. Trata-se do Projeto de Lei Complementar que tramita na Câmara dos Deputados, de autoria do deputado federal Carlos Zarattini, também do Partido dos *Trabalhadores*, que trata da aposentadoria em regime especial na dança brasileira – PLP 190/2015.

Figura 2 - Print screen Portal Câmara dos Deputados.



Fonte: Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2053471>. Acesso em: 1 maio 2024.

Em 2023, no dia 5 de dezembro, na Câmara dos deputados em Brasília, graças à movimentação política do Fórum Nacional de Dança, que contou com a participação dos profissionais de todos os cantos do país, foi oficialmente criada a Frente Parlamentar da Dança, um momento histórico para a categoria. Para ser oficializada foram necessárias 214 assinaturas dos magistrados eleitos. Um marco nas relações entre a classe artística e política. Esta organização política recém-criada conta com o deputado Carlos Zarattini (PT-SP), presidente; Áureo Ribeiro (Solidariedade-RJ), 1º vice-presidente; Fernanda Melchionna (PSOL-RJ), 2º vice-presidente; Jandira Feghali (PCdoB-RJ), 3º vice-presidente; Alice Portugal (PCdoB-BA), 4º vice-presidente; Laura Carneiro (PSD-RJ), secretária-geral.

Figura 3 - Frente Parlamentar da Dança.



Fonte: Foto de Gabriel Paiva, 5 dez. 2023/Portal Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://ptnacamara.org.br/carlos-zarattini-preside-a-frente-parlamentar-em-defesa-dos-profissionais-da-danca/>. Acesso em: 30 maio 2024.

Embora haja uma mobilização, é *ainda* insuficiente devido à dimensão do país e também da falta de consciência política de grande parte dos fazedores de Dança no Brasil, provavelmente, por conta de um romantismo um tanto antiquado que a categoria até agora mantém convicto – alguns acreditam que o artista é um ser especial. Hoje, há uma frase que se tornou conhecida como uma justificativa apresentada por muitos artistas: “Quem produz dança neste país está em busca da sobrevivência, portanto, *sem tempo* para se alinhar às lutas políticas”. Por este aspecto é legítimo, mas é pertinente apontar que as adversidades, sejam elas quais forem, podem e devem ser combustíveis para as lutas, então, apesar de plausível, esse discurso fragiliza as causas e as mobilizações a ponto de muitas vezes ser um pretexto para a prostração. “Vá lá e lute por mim, eu dou todo o apoio”. Esse é um pensamento ainda vigente.

Surge outra questão: quem está mobilizado é porque tem tempo sobrando ou é um favorecido pelo sistema?

De uma certa maneira, o estado agradece, quanto menos artistas atuantes, menos consciência política será produzida, sabe-se que uma sociedade com alto padrão de reflexão dificilmente será ludibriada pelo poder. O último mandatário da

nação, reconhecidamente de extrema direita e seus seguidores, deixaram evidente o que exponho aqui. Os artistas foram considerados os inimigos a serem exterminados.

Apesar da gestão pública, em geral, não se dar conta, a Dança tem sido uma importante fonte de geração de receitas e de milhares de empregos diretos e indiretos em nosso país. Além dos intérpretes da cena, iluminadores, músicos, figurinistas, produtores e técnicos são imprescindíveis para a construção de um espetáculo cênico, sem contar com o comércio do entorno do teatro que também se beneficia com isso. Ainda assim, para a maioria da população brasileira, a dança significa apenas um meio de extravasar os prazeres contidos e reprimidos no corpo através de movimentos. Esse tipo de compreensão tem reproduzido apenas um viés reduzido do que ela (Dança) realmente potencializa.

Pouco se nota o profissional desta arte, aquele que com o seu corpo físico-psíquico a produz. Esse fazer, também visto aos olhos de uma grande maioria da população com “glamour” e estereótipos, é, na verdade, para os trabalhadores que a desempenham, extremamente desgastante, pois são submetidos a um intenso treinamento físico técnico diário no exercício das suas funções, as lesões são constantes. Ou seja, muita complexidade técnica envolvida para ser vista ou compreendida apenas como cultura.

Farei uma digressão, a arte da Dança está repleta de artesãos que são os que produzem autênticos *artesões*⁴ para serem adornados no teto da Cultura. Por que não os comparar a uma Fênix que ressurge a todo momento das suas próprias cinzas? A matéria-prima usada nas suas construções criativas exaladas do corpo faz do artista da Dança um idealista das ilusões, fazedor de utopias e quimeras, mas também de

⁴ Artesões é um termo de arquitetura e significa “adornos emoldurados em abóbadas e tetos”. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$artesaos-ou-artesoes#:~:text=As%20duas%20formas%20podem%20estar,se%20tetos%20adornados%20com%20artes%C3%B5es](https://www.infopedia.pt/artigos/$artesaos-ou-artesoes#:~:text=As%20duas%20formas%20podem%20estar,se%20tetos%20adornados%20com%20artes%C3%B5es). Acesso em: 3 jul. 2024.

pesadelos e realidades duras e perversas. A tragédia do cotidiano é quase sempre comum, porém, se levada ao palco, tomará proporções inimagináveis. Ou seja, o palco é um inquisidor implacável do hipócrita.

O profissional da arte da Dança tem potencial para ser um grande transformador social, apesar de termos uma sociedade aprisionada por conceitos conservadores, tendo o corpo como alvo principal da hipocrisia e do pecado.

É possível prospectar e assegurar que a dura realidade do corpo que pensa, cria e atua através do movimento cênico, compreendendo cena no palco de um teatro ou fora dele, só tem um bilhete de ida, não há o de retorno. Sempre foi assim, ser artista da Dança, neste país, tem sido dar constantes murros em ponta de faca, além de estar aprisionado, ironicamente, em um calabouço que, como tenho exposto aqui, pode-se chamar de Cultura.

É histórico e cultural – apesar dos milhares de trabalhadores que atuam nesta área no país, a categoria enfrenta uma informalidade trabalhista perversa, resultando na falta de qualquer tipo de amparo previdenciário do Estado, obrigando-os a trabalhar até a velhice para não morrerem de fome. Esta tem sido a *realidade* nua e crua. Apesar de toda potência criativa, educativa e de trabalho que se emana desses corpos, ainda não são reconhecidos como categoria produtiva, como dito anteriormente, sequer têm esta atividade regulamentada por lei. Não existe uma indústria que produza Dança para ser vendida em um supermercado ou em um *shopping center*, portanto o *status quo* se mantém intacto, pois não foi desenvolvido um sentido social para isso. Ou seja, a Cultura asfixiando a Arte, especificamente a da Dança, é um fato.

Quinto ato

A Arte pode e deve ser alimentada pela contracultura, quebras de paradigmas, um lugar onde nem tudo que parece ser,

talvez não seja, irá depender do ponto de vista de quem apreciá-la. O que está estabelecido e já convencionado nem sempre serão instrumentos úteis. Um lugar onde não existe o Deus comum – em que o bem e o mal, a vida e a morte deverão ser amantes inseparáveis. Não há certo ou errado, por isso ela é ou deveria ser fundamental, pois naturalmente fomenta a diversidade de pensamento. “Homens superiores, o pior que tendes é não haver aprendido a dançar: a dançar por cima de vossas cabeças! Que importa não terdes sido felizes?” (Nietzsche, 2011, p. 339).

Outro ponto importante que poderia merecer reflexões futuras para quem, por ventura, for ler este texto, talvez não seja motivador: há uma tendência em que invariavelmente quando se discute os problemas cruciais da Dança, no Brasil, os assuntos recaem quase sempre no âmbito pedagógico e na sua amplitude como expressão popular. Sim, deve haver uma convergência em relação a estas questões, pois são de suma importância, porém, a revolução se daria exatamente ao aplicá-la como prática artística de fato, em toda sua potencialidade. O ensino da Dança em todas as suas expressões nas escolas públicas no país seria substancial para fazer com que o conceito (essência) de democracia se desenvolvesse em toda a sua amplitude e se fortaleceria ainda mais se fosse aplicada já a partir da primeira faixa etária da população brasileira. Uma iniciativa desta magnitude, além de contemplar um direito fundamental da criança e do jovem ao acesso mais amplo a esta arte no ambiente escolar, com toda a certeza, ampliaria o entendimento de nação e do Estado Democrático de Direito no processo civilizatório nacional. A Dança, verdadeiramente ensinada na escola desde a infância, iria impulsionar uma transformação radical em determinadas estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais no país. O corpo sensível e criativo seria o comum, revelaria as diferenças entre dança como manifestação simbólica e histórica de um povo e a cênica, que tem o potencial de ampliação da sensibilidade e da construção reflexiva, além de ser uma profissão.

Apesar de toda interpretação exposta acima, estes entendimentos construídos acerca deste assunto expõem um problema crônico para os artífices da ribalta, simplesmente um apagamento nas discussões do real significado do papel do artista da cena, aquele que pensa, cria e atua. Em outras palavras, normalmente, nos encontros dos *representantes da Cultura*, o artista tem sido olhado como um estranho, porque as pautas que ele traz são muito pouco compreendidas e, quando muito, entendidas como fora de contexto. No meu modo de ver, o encastelamento do fazedor de dança e de outras áreas da Arte é um *modus operandi* já esgotado nos grandes debates, como, por exemplo, na última Conferência Nacional da Cultura, ocorrida no último mês de março, em Brasília, as pautas identitárias foram muito mencionadas, aliás, esse foi o maior motivo do encontro. As Artes, em especial a Dança, por desconhecimento ou desinteresse, mais uma vez, praticamente ficaram de fora. O lado irônico e cômico disso tudo é que, logo após os encerramentos das exaustivas discussões, havia as apresentações musicais com músicos e cantores profissionais para uma alegre confraternização dançante entre as diversas bolhas sociais presentes.

O que se nota é que há uma *ignorância* entranhada ao preconceito que ainda vigora nos tempos atuais quando o assunto passa a ser Arte, vai além do campo político conservador, atinge até mesmo o campo progressista em grande parcela. Logicamente, no meio público oficial fala-se com aparente conhecimento da matéria, não de todos, quando se aborda a saúde, habitação, segurança, educação, trabalho etc., porém, quando se adentra no campo das artes a interrogação surge. Raríssimas vezes a Arte foi pauta política nas plenárias da casa do povo e quando se menciona a Dança, o problema se agiganta. “O que esse povo esquisito faz na verdade?” Decerto, deva ser a pergunta mais frequente feita por um parlamentar, o máximo a ser conseguido de algum entendimento, até mesmo lógico, é de que seria uma manifestação cultural das mais importantes do país. É o que conseguem pronunciar.

É muito habitual, digamos cultural, eu mesmo já passei por isso em alguns momentos da vida, o artista, no momento de abrir um crediário, ouvir a pergunta: “qual a sua profissão?”. Ao responder: “Artista da Dança”, escutar a réplica: “Entendi, mas você trabalha com o quê?”.

Há uma faixa etária, talvez acima dos 40 anos, que deve ter ouvido a mãe pronunciar muitas vezes, na infância e, em alguns momentos do próprio pai, a seguinte frase repressiva: “vou sair, se fizer *arte* aqui em casa, será castigado”. Em outras palavras, seja obediente que não será punido. Qual o significado objetivo deste comunicado? Arte como sinônimo de desordem, portanto, fora da norma. Isto é, de alguma forma, a relação do corpo com a liberdade sempre foi considerado um perigo para as estruturas familiares conservadoras. Em outras palavras, a arte sendo compreendida e usada como instrumento de ameaça, de certa forma, tirânica no *aconchego* da família. Isso prova que a criatividade assusta o poder conservador, pois seria capaz de resultar em uma porta aberta para o desconhecido que daria vazão ao risco do descontrole, conseqüentemente, o surgimento de possíveis novas realidades.

Além disso, digamos que seria uma frase emblemática que pode muito bem se conectar à contemporaneidade atual. “O desenvolvimento cultural nos parece um processo peculiar experimentado pela humanidade em que muitas coisas nos parecem familiares” (Freud, 2010, p. 48).

Último ato

É urgente. Que se faça uma nova, justa e verdadeira apresentação sempre que a Cultura for anunciada, indicaria Cultura e Arte, se não for desta maneira, o rompimento entre ambas deve ser efetuado. Diferentemente destes protocolos históricos construídos e preservados pela sociedade, a Arte caminha por rotas diversas do que normalmente é designado como um princípio civilizatório. É soberana porque, queiram ou não, submerge por conta própria na fonte dos antagonismos para reaparecer metamorfoseada em outros signos. Deverá rejeitar e questionar os

valores éticos estabelecidos, ou seja, a contracultura é seu indispensável alimento para subsistência. Vou mais além, as artes corporais apresentam, em suas naturezas, a capacidade de transgredir ainda mais esse lugar, pois o corpo é quem a conduz. Neste ambiente, a traição aos ritos será constante, os mortos serão apenas vestígios, o bem e o mal irão confundir-se o tempo todo. O inferno será necessário para outros rumos, o Deus poderá ser um farsante, deverá ser desnudado a todo instante.

A única possibilidade de reparação deste equívoco memorável deve passar pela criação de um Ministério das Artes, com orçamento próprio, equipe de funcionários exclusivos qualificados, por que não da área artística, trabalhando exclusivamente em cargos. A Funarte (Fundação Nacional de Artes), criada em 1975, durante a ditadura militar, passaria a ser uma secretaria deste ministério, é bom lembrar ela foi configurada apenas como uma fundação vinculada e subordinada ao MinC (Ministério da Cultura).

As divergências podem se transformar em convergências a qualquer momento, são combustíveis que orientam o humano até seu perecimento e deixam marcas no ambiente social. A Cultura é exatamente isso – uma força motriz que se movimenta para diversos lugares, nada mais do que consequências da ação humana, muitas vezes predadora. Construída com a finalidade de ser um bem comum? Digamos que não, pois os interesses humanos são e sempre foram diversos. Como já mencionado anteriormente, algo comparável a uma *Caixa de Pandora*. E a Arte dentro dela, seria o quê exatamente? Muito provavelmente a esperança, que ressignifico como utopia, criada para ser perseguida, nunca alcançada. “Sem a esperança de uma dor ainda maior, eu não poderia suportar esta de agora, mesmo que fosse infinita” (Cioran, 2011, p. 66).

Baixando as cortinas da Ribalta

Figura 4 - Dança cênica. Imagem do espetáculo *Gárgulas*, com a Cia Carne Agonizante.



Fonte: Foto de Domingos Quintiliano, 2004. Intérpretes: Renata Aspesi e Roberto Alencar. Disponível em: <http://www.ciacarneagonizante.com.br/>. Acesso em: 8 jul. 2024.

Quem se recusou a dançar, acabou sufocado por Harpócrates⁵ e, assim, permaneceu no silêncio eterno da ignorância; além disso, Dionísio o apartou da beberagem de líquidos inebriantes e mundanos que o tornaria livre da hipocrisia dos equilibrados.

Possivelmente, se algum incauto, por acaso, ler este ensaio, supostamente irá dizer: “uma visão radical” ou, até mesmo, “*nec caput nec pedes*” (latim: sem pé, nem cabeça). Sem nenhum problema, a vida segue sendo efêmera, e o corpo, colecionando uma série de erros sucessivos e fracassos inevitáveis. Um Sísifo, intérprete de uma coreografia martirizante e trágica, indo e voltando para lugar nenhum.

Referências

AGÊNCIA IBGE - Notícias. *IBGE investiga a Cultura nos municípios brasileiros*. Releases. 17/09/2007 12h31. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13361-asi-ibge->

⁵ Mitologia grega. Deus do Silêncio.

investiga-a-cultura-nos-municipios-brasileiros. Acesso em: 11 jun. 2024.

BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2015. *E-book*.

CIORAN, Emil. *História e Utopia*. Tradução: José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. *E-book*.

CIORAN, Emil. *Silogismos da amargura*. Tradução: José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011. *E-book*.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Cultura*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010. *E-book*.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Tradução: Renato Zwick. LeBooksEditora, 2020. *E-book*.

INFOPÉDIA. Dicionários Porto Editoras. *Artesãos ou artesões?* Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$artesaos-ou-artesoes#:~:text=As%20duas%20formas%20podem%20estar,se%20tetos%20adornados%20com%20artes%C3%B5es](https://www.infopedia.pt/artigos/$artesaos-ou-artesoes#:~:text=As%20duas%20formas%20podem%20estar,se%20tetos%20adornados%20com%20artes%C3%B5es). Acesso em: 3 jul. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Tradução: José Mendes de Souza. Porto Alegre: Nova Fronteira, 2011. *E-book*.

OLIVIERI, Antonio Carlos. *Prometeu Acorrentado/Obra de Ésquilo*; adaptação: Antonio Carlos Olivieri. São Paulo: FTD, 2005. *E-book*.

RODRIGUES, Nelson. *Complexo de vira-latas In: À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

VIANNA, Klauss. *A Dança*. Klauss Vianna em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. São Paulo: Summus, 2005. *E-book*.

Recebido em 07 de julho de 2024.

Aprovado em 29 de agosto de 2024.

REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança